



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 11, número 2, maio-ago. 2022

USOS DE ANÁFORAS ENCAPSULADORAS NO GÊNERO ENTREVISTA



USES OF ENCAPSULATING ANAPHORS IN THE INTERVIEW GENRE

Dennis CASTANHEIRA
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Maria Maura CEZARIO
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [OS AUTORES](#)
RECEBIDO EM 31/03/2022 ● APROVADO EM 17/06/2022
DOI: 10.47295/mgren.v11i2.358

Resumo

Este artigo apresenta um estudo acerca dos usos de anáforas encapsuladoras na construção do gênero entrevista por meio de seus aspectos estilísticos e composicionais. Os encapsulamentos anafóricos são definidos como um recurso coesivo expresso por Sintagmas Nominais que funcionam como uma estratégia resumitiva de informações de tamanhos variados. A partir de uma amostra formada por 24 entrevistas publicadas nos anos de 2018 e 2019 nas revistas *Exame* e *Veja*, foram coletados e analisados os dados. Partiu-se dos postulados de Bakhtin (1997[1979]), que defende que os gêneros podem ser caracterizados pelos planos temático, estilístico e composicional. O artigo relaciona tais planos a partir da construção do estilo e do conteúdo composicional por meio dos usos dos encapsulamentos anafóricos e das diferentes partes das entrevistas. Foram muito importantes para a pesquisa os trabalhos sobre gêneros textuais (MARCUSCHI, 2005; 2008; BEZERRA, 2017), e os estudos sobre referência (FRANCIS, 1994; CONTE, 1996;

BORREGUERO, 2006; PECORARI, 2014; BASTOS, 2018). Dentre as principais contribuições da pesquisa, estão a caracterização de como se constrói o gênero entrevista com ênfase no caráter fórico e na multifuncionalidade dos encapsuladores.

Abstract

This article presents a study about the uses of encapsulating anaphors in the construction of the interview genre through its stylistic and compositional aspects. The anaphoric encapsulations are defined as a cohesive resource expressed by Nominal Phrases that work as summarizing strategies of information of various sizes. From a sample composed of 24 interviews published in the years 2018 and 2019 in the magazines *Exame* and *Veja*, the data was collected and analyzed. We started from the postulates of Bakhtin (1997[1979]), who defends that the genres might be characterized by thematic, stylistic and compositional plans. The article relates these plans from the stylistic construction and compositional content through the uses of anaphoric encapsulations and the different parts of the interview. It was very important to the research the works on textual genre (MARCUSCHI, 2005; 2008; BEZERRA, 2017), and the studies on referencing (FRANCIS, 1994; CONTE, 1996; BORREGUERO, 2006; PECORARI, 2014; BASTOS, 2018). Among the major contributions of the research, there are the characterizations on how to construct the interview genre with emphasis on notorious character and the multifunctionality of the encapsulators.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Anáforas encapsuladoras. Entrevista. Revista. Referenciação. Gênero textual.

Keywords: Encapsulating anaphors. Interview. Magazine. Referencing. Textual genre.

Texto integral

Introdução

Este artigo¹ tem como objetivo analisar os usos das anáforas encapsuladoras e a construção do gênero entrevista por meio de seus aspectos estilísticos e composicionais. Destacamos, especificamente, um *corpus* formado por 24 entrevistas publicadas nos anos de 2018 e 2019 em duas revistas de grande circulação no Brasil, *Exame* e *Veja*. Para isso, partimos dos postulados de Bakhtin (1997[1979]), que defende que os gêneros podem ser caracterizados pelos planos temático, estilístico e composicional. Diante disso, nesta pesquisa, buscamos relacioná-los a partir da construção do estilo e do conteúdo composicional por meio dos usos dos encapsulamentos anafóricos e das diferentes partes das entrevistas.

Como aporte teórico, adotamos as pesquisas sobre gêneros textuais (MARCUSCHI, 2005; 2008; BEZERRA, 2017) e os estudos sobre referenciação e, mais especificamente, acerca das anáforas encapsuladoras (FRANCIS, 1994; CONTE, 1996; BORREGUERO, 2006; PECORARI, 2014; BASTOS, 2018). Nessa perspectiva, é adotada uma abordagem que estuda o texto e as relações nele presentes a partir da construção sociocognitiva dos sentidos e das motivações discursivas para constituição gramatical da língua. Os encapsulamentos anafóricos, nessa visão,

¹As discussões apresentadas são provenientes da pesquisa de CASTANHEIRA, D. *Anáforas encapsuladoras e construção do gênero entrevista: análise textual-funcional*. 2020. 235 f. Tese (Doutorado em Letras (Letras Vernáculas)). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

podem ser definidos como um recurso coesivo expresso por Sintagmas Nominais (SNs) que funcionam como uma estratégia resumitiva de informações de tamanhos variados.

Um exemplo de parte de uma entrevista com um encapsulamento pode ser visto em (1), em que “o problema” está ligado ao que será dito logo após: “sem confiança não há investimento, sem investimento não há crescimento”:

(1)² “O governo Dilma se mostrou incapaz de corrigir os rumos da economia, que caminhava para uma crise cada vez mais grave. Com a troca de governo, foi apresentada uma agenda de reformas e a instabilidade passou. Mas no lado político havia riscos. No fundo, estavam no poder as mesmas estruturas e grupos que levaram o país para o buraco. Novos escândalos vieram à tona, novas dificuldades surgiram, e o Brasil voltou a parar. **O problema**³ é muito básico: sem confiança não há investimento, sem investimento não há crescimento.” (Entrevista “Cenário de risco” – Revista *Veja*).

Metodologicamente, utilizamos alguns fatores para observação dos usos das anáforas encapsuladoras e do gênero entrevista. Para efetuar essa análise, congregamos abordagens qualitativas e quantitativas na discussão dos dados utilizados a partir da sua distribuição em categorias e da análise da sua frequência de uso.

Diante do nosso objetivo e da nossa fundamentação teórica, elaboramos as seguintes hipóteses:

- (i) as anáforas encapsuladoras têm diferentes valores fóricos diante da parte da entrevista em que estão. Na parte inicial, elas tendem a ser mais prospectivas, pois apresentam o conteúdo do texto e, nas demais partes, tendem a ser mais retrospectivas;
- (ii) as anáforas encapsuladoras apresentam distintas tendências multifuncionais (metaenunciativa, organização enumerativa e sumarização generalizadora) diante das partes da entrevista.

Os resultados da análise dos dados, tendo em vista as hipóteses levantadas, serão apresentados logo após discorrermos sobre os pressupostos teóricos e metodológicos utilizados. Por fim, apresentaremos as considerações finais e as referências bibliográficas citadas no artigo.

1 Referenciação e gêneros textuais

Atualmente, a referenciação é vista como um fenômeno linguístico, cognitivo, social e contextual. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1999) defendem que os referentes não são realidades, mas representações construídas discursivamente a partir da ativação de diferentes informações presentes na mente de cada participante da interação. Nesse sentido, conforme atesta Mondada (2005), a análise dos recursos formais está relacionada às propriedades do referente e ao acordo intersubjetivo entre os interlocutores no processo de construção dos objetos de discurso (cf. ANTUNES, 2019; SEARA; SANTOS, 2019; AUTOR, 2021).

Acerca dessa discussão, Samaniego (2013) defende que os referentes têm sido muito estudados na Linguística, mas passaram por modificações nas últimas

²Os exemplos foram inseridos em caixas de texto para melhorar sua visualização.

³Destacamos, em negrito, as anáforas encapsuladoras analisadas.

décadas diante de um aporte sociocognitivista. Se anteriormente o foco estava em uma gramática textual e na análise da correferencialidade, atualmente há uma preocupação em estudar exemplos reais de uso e detectar casos mais complexos até então não investigados.

Segundo Samaniego (2013), os “movimentos” comumente tidos como anáfora e catáfora passam a ser classificados, respectivamente, como anáfora retrospectiva e prospectiva. Para o autor, essa mudança não envolve apenas a nomenclatura, mas também a abordagem de análise, visto que atualmente o foco não é apenas a identificação do referente no texto, mas a análise do seu papel discursivo. Por isso, há uma preocupação de perceber o porquê de uma anáfora ser retrospectiva ou prospectiva e não apenas identificar sua referência.

Acerca dos encapsuladores, destacam-se estudos, como Conte (1996), Borreguero (2006), Llamas (2010) e Pecorari (2014; 2015). Nesses trabalhos, são apresentadas algumas características centrais dos encapsulamentos, dentre as quais destacamos sua constituição morfossintática como SN, sua natureza sintetizadora, seu caráter avaliativo e sua remissão a informações já ditas ou ainda não apresentadas.

Borreguero (2006) ainda postula que a cadeia anafórica, também denominada correferencial ou nominal, é estabelecida a partir da repetição lexical, do uso de formas pronominais pessoais e possessivas, de anáforas zero e da presença de relações lexicais, como sinonímia, hiperonímia e metonímia. Isso pode ser explicado pela possibilidade de desenvolver redes correferenciais como entidades extralinguísticas ou metalinguísticas.

Além disso, de acordo com a autora, as anáforas encapsuladoras não se referem a uma entidade física particular, mas a um acontecimento complexo e mais amplo. Assim, elas funcionam como sintetizadoras e contribuem para economia linguística, sobretudo em textos densos informativamente, como os que Borreguero (2006) analisa em seu trabalho. Para a autora, essa característica auxilia na construção textual e, por isso, é um dos aspectos centrais no estudo das notícias.

Outro postulado relevante é o estabelecido por Francis (1994), que, destacando os encapsuladores rotuladores, postula que esses termos podem ser caracterizados como um processo de coesão lexical de grupos nominais. As anáforas rotuladoras, nessa visão, são elementos nominais não específicos com função anafórica retrospectiva e prospectiva de organização textual, assumindo o papel de foco da informação nova. Segundo a autora, ainda são aspectos relevantes os tipos de modificação, o papel organizacional a depender do tipo de rótulo e as suas características metalinguísticas.

Para Francis (1994), o funcionamento discursivo-textual dos rótulos está ligado a funções cognitivo-discursivas (sumarização, organização micro e macrotextual) e argumentativas (apresentação de ponto de vista e de diferentes escalas argumentativas). Assim, esses elementos são eminentemente subjetivos e argumentativos, que conduzem o processo de construção de sentidos e que (re)categorizam segmentos do cotexto, resumindo-os.

Cavalcante e Brito (2013) apresentam, também, algumas funções específicas das anáforas com papel de rótulo: organização enumerativa (quando definem a organização textual por enumeração), sumarização generalizadora (quando sumarizam um conteúdo por meio de uma generalização) e metaenunciativa (quando qualificam o próprio dizer). Tal proposta é adotada neste artigo para verificação dos efeitos de sentido relacionados aos encapsulamentos anafóricos.

Neste artigo, também consideraremos os postulados acerca dos gêneros. Principal referência no estudo linguístico dos gêneros, Bakhtin (1997[1979], p. 279, grifos do autor) aponta que

o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.

Com isso, é possível perceber que os gêneros, de forma geral, podem ser definidos como formas relativamente estáveis ligadas a três aspectos analíticos: tema, estilo e composição. O conteúdo temático está ligado aos assuntos que são e podem ser abordados em cada gênero, o estilo é caracterizado pelos recursos linguísticos utilizados e o conteúdo composicional está relacionado à tessitura do discurso, a sua estruturação. Embora separados, esses três aspectos não podem ser vistos de forma dissociada, pois compõem o todo de cada gênero.

Além disso, a ideia de que os gêneros são formas relativamente estáveis estabelecidas em um contexto situacional também é discutida pelos estudos da Linguística de Texto, abordagem aqui adotada, que retoma os postulados precursores de Bakhtin (1997[1979]) e expande a partir de um viés textual. Marcuschi (2005, p. 18-19), por exemplo, ressalta a fluidez categorial dos gêneros. O autor aponta que os gêneros devem ser analisados sem reducionismo formal ou postulação de estruturações rígidas, visto que têm caráter “essencialmente flexível e variável, tal como o seu componente crucial, a linguagem. Pois, assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se”.

Dessa forma, devemos adotar uma concepção eminentemente funcional na análise dos gêneros, pois o conceito de língua utilizado entende os processos de variação e mudança como naturais e constitutivos do sistema linguístico. Sendo assim, o papel da pragmática é central. Tal visão não significa, porém, abandonar o estudo da forma, mas congregá-la à análise das funções.

Ao discutirmos especificamente o gênero entrevista, recorreremos a trabalhos das áreas de Letras e Jornalismo. Segundo Noci (2000), historicamente, a entrevista guarda semelhanças com textos milenares, como os diálogos platônicos, mas se diferenciam de forma bastante acentuada, já que, neles, havia expressão de opinião e nível mais equiparados do que as entrevistas, produzidas para servir ao público, interessado, em geral, no que dirá o entrevistado.

De acordo com Noci (2000), a entrevista jornalística pode ser vinculada ao grupo de gêneros interessados especialmente na reprodução de diálogos, tida como um recurso retórico clássico e universal já bastante explorado pela filosofia. O autor afirma que a entrevista vai muito além da mera transcrição de uma conversa, passando por um refinado processo de elaboração. Esse gênero, apontado pelo autor como um dos mais recentes na área jornalística, segue modelos e técnicas

previamente estabelecidos que servem como base para confecção de novos textos sob alguns padrões já existentes.

Outro aspecto típico desse gênero é sua constituição eminentemente oral. Geralmente, as entrevistas são feitas oralmente e, algumas vezes, são retextualizadas para que sejam publicadas na modalidade escrita, seja em suportes mais ou menos tradicionais. Dessa forma, mesmo uma entrevista não veiculada pela fala, pode apresentar diversas marcas de oralidade, inclusive por buscar manter a identidade com o que havia sido dito originalmente.

Além disso, como aponta Hoffnagel (2002, p. 196), as entrevistas envolvem “uma constelação de eventos possíveis que se realizam como gêneros (ou subgêneros) diversos” com uma estrutura mais ou menos fixa, que apresenta diferentes possibilidades de ocorrência diante dos seus propósitos discursivos (cf. ARFUCH, 1995; ESSENFELDER, 2005; GARCÍA-GUTIÉRREZ, 2013).

Hoffnagel (2002) defende, ainda, que existem eventos comunicativos que parecem entrevistas por sua estrutura de pergunta e resposta, mas, na verdade, não são, como uma prestação de depoimento à justiça ou uma prova oral em contexto escolar. Essensfelder (2005), por outro lado, defende a heterogeneidade das entrevistas, ressaltando que, em alguma medida, elas ocorrem com todos em situações corriqueiras, como pedir uma informação sobre um produto em uma loja ou ser sabatinado ao pleitear uma vaga num emprego.

Apesar das múltiplas visões, é possível dizer, como define Hoffnagel (2002), que há um protótipo do que é uma entrevista. De forma geral, ela é composta, ao menos, por dois indivíduos que desempenham papéis específicos, o de entrevistador, aquele que faz as perguntas, e o de entrevistado, aquele que responde às perguntas. Merlinsky (2006) atesta que ela funciona, ainda, como uma forma de organização do pensamento, situando-se no campo pragmático, visto que engloba aspectos linguísticos e contextuais que refletem práticas sociais. Além disso, ela representa uma ferramenta comunicativa que capta complexos significados mediados pela construção subjetiva capaz de refletir a experiência.

Acerca das entrevistas nas revistas, nosso objeto de estudo, é importante esclarecer quais são as suas características. A revista pode ser tida como um suporte convencional, pois tem como objetivo primário a reprodução de textos. Além disso, abriga gêneros variados, como notícia, editorial, artigo de opinião e entrevista. Por ser um formato extremamente tradicional culturalmente, sua credibilidade junto ao público é grande e sua circulação é extensa, com inúmeras editoras e publicações.

Focalizando, mais especificamente, as entrevistas de revistas, Hoffnagel (2002, p. 198) defende que apresentam propósitos comunicativos variados, pois podem ter diferentes públicos-alvo e veicular informações múltiplas. Para a autora, elas podem ser divididas em três tipos:

- (a) as que entrevistam um especialista em algum assunto com a finalidade de explicar um fenômeno. O especialista raramente é conhecido pelo público em geral, e suas credenciais são explicitadas na seção introdutória da entrevista;
- (b) as que entrevistam uma autoridade, geralmente conhecida pelo público, para obter sua opinião sobre um evento em destaque nas notícias, podendo ela estar ou não diretamente envolvida neste evento;
- (c) as que entrevistam pessoas públicas (políticos, artistas, escritores, músicos etc.) e que têm a finalidade de promover o entrevistado (ou entidade/ grupo que ele representa) ou de fazer com que o público conheça melhor a pessoa entrevistada.

Dessa forma, podemos observar que existem características típicas desse gênero em revistas – nosso objeto de estudo. Em nossa investigação, pretendemos observar o papel das anáforas encapsuladoras no gênero entrevista a partir, inclusive, de sua caracterização aqui descrita.

2 Metodologia

Neste trabalho, utilizamos uma metodologia qualitativa e quantitativa em relação à análise dos dados. Observamos qualitativamente as entrevistas e os papéis das anáforas encapsuladoras na construção dos sentidos do texto e sua relação com a construção do gênero. Posteriormente, quantificamos tal análise para que pudéssemos discutir a frequência de uso desses elementos e buscássemos algumas generalizações.

Para construção da amostra, trabalhamos com entrevistas das revistas *Exame* e *Veja*, publicações de grande circulação nacional, que foram realizadas nos anos de 2018 e 2019. Dentre os 136 textos encontrados e transcritos, após exclusão de textos possivelmente traduzidos, chegamos a 24 entrevistas a fim de obtermos equilíbrio em relação à quantidade de palavras nos três temas mais frequentes – cultura, política e economia – totalizando cerca de 8.150 palavras em cada.

A seleção dos fatores utilizados nessa análise está ligada à relação entre os usos dos encapsuladores e a composição do gênero entrevista. Diante disso, partimos da proposta de Bakhtin (1997[1979]) de que há três questões centrais caracterizadoras do gênero – conteúdo temático, estilo e construção composicional – aliando às leituras teóricas e à revisão da literatura acerca das anáforas encapsuladoras, mapeando suas características centrais e também as características do *corpus* usado.

Assim, buscamos selecionar aspectos analíticos ligados ao nosso objeto que contemplassem a caracterização do gênero, e, por isso, neste artigo, destacamos:

- (a) natureza fórica – retrospectiva, prospectivo e bifórica;
- (b) parte da entrevista – parte inicial, turno do entrevistador e turno do entrevistado;
- (c) multifuncionalidade – metaenunciativa, organização enumerativa e sumarização generalizadora.

Em relação à composição do gênero, notamos, na análise do *corpus*, que as entrevistas poderiam ser divididas em três partes, parte inicial, turno do entrevistador e turno do entrevistado, e, por isso, utilizamos esse aspecto. Já em relação ao estilo, utilizamos os postulados de Conte (1996), que defende que os encapsulamentos podem se referir a informações ditas previa ou posteriormente, resultando no fator natureza fórica, e o estudo de Cavalcante e Brito (2013), que defendem que esses elementos podem apresentar múltiplas funções como rótulos. Expandimos a proposta de Cavalcante e Brito (2013) e testamos em relação a todas as encapsuladoras, resultando no fator multifuncionalidade.

Com a amostra selecionada e organizada, coletamos e analisamos todas as 182 anáforas encapsuladoras encontradas diante de diferentes fatores qualitativa e quantitativamente, conforme discutiremos na próxima seção.

3. Análise

3.1. Natureza fórica e partes da entrevista

De acordo com Conte (1996), as anáforas encapsuladoras são SNs que podem apresentar diferentes naturezas fóricas, podendo ser retrospectivas, prospectivas e bifóricas. Diante disso, analisamos todos os dados encontrados nas entrevistas observando seu caráter fórico, conforme apresentaremos nesta seção.

a) Retrospectiva: o encapsulador sumariza uma informação precedente.

(2)

T1⁴: Segundo sua personagem, a mulher se torna invisível após determinada idade. Por quê?

T2: Vivemos em um país machista, onde a juventude é cultuada. Quando uma mulher de 50 namora um cara de 25, ela vira a Fátima Bernardes e sai na capa de todas as revistas e jornais. Já o contrário parece tão natural que nem sequer é notícia. O homem de 40 fica com a menina de 20 e ninguém toca no assunto, até porque é regra não olhar para mulher da idade dele. Também pesa o término da fase reprodutiva. A mulher se torna imperceptível, e o medo de ficar sozinha faz com que não consiga sair de casamentos abusivos. Sem falar que somos mais cobradas para a relação dar certo.

T1: Como assim?

T2: Até as gerações antigas, a mulher era treinada para conquistar, agradar e se casar com o melhor homem. Se a relação terminasse, fracassava todo um projeto de vida. Tenho 50 anos e vi **isso** mudar. Mas ainda convivo com amigas infelizes e sem coragem de encerrar um casamento por medo da solidão e do julgamento. (Entrevista “Casamento é habilidade” – Revista *Veja*).

No exemplo (2), há um trecho da entrevista “Casamento é habilidade”, publicada na revista *Veja*. Nele, após alguns questionamentos, a entrevistada, a atriz e apresentadora Mônica Martelli, é perguntada sobre a invisibilidade da mulher após certa idade e, diante de sua resposta, ela é indagada sobre a ideia de que a mulher é cobrada para que o relacionamento dê certo. Diante disso, em sua resposta, ela utiliza a anáfora encapsuladora “isso”, que retoma sua própria fala sobre a mulher ter sua vida considerada fracassada com o término de um casamento, o que faz com essa anáfora seja retrospectiva, já que retoma o que já foi dito.

b) Prospectiva: o encapsulamento resume uma informação que ainda será dita.

(3)

T1: Qual é sua avaliação das privatizações das distribuidoras?

T2: Do ponto de vista contábil, congelamos todas as perdas, que chegavam a 4 bilhões de reais em 2017. Além disso, não oferecíamos um bom serviço. **Todos** perdiam: o acionista, a empresa e o consumidor. Gosto do exemplo da Cepisa, no Piauí, privatizada em julho de 2018, que seis meses depois já tinha uma redução de tarifa de 8,5%. Como parte do processo de venda, houve uma capitalização de todas essas companhias e serão investidos 2,5 bilhões de reais nas operações. (Entrevista “Capitalizar para investir” – Revista *Exame*)

⁴Utilizamos T1 para indicar o turno do entrevistador e T2 para o turno do entrevistado.

No exemplo (3), retirado da entrevista “Capitalizar para investir”, da revista *Exame*, temos o questionamento do jornalista acerca do processo de privatização das distribuidoras de energia elétrica, que é respondido pelo convidado, Wilson Ferreira Júnior, de forma evasiva sem uma afirmação categórica sobre o tema. Argumentativamente, ele utiliza o encapsulamento “todos” para construir a ideia de que o serviço ruim atingia a um grupo abrangente e, por isso, primeiramente, utiliza o encapsulador prospectivo e, posteriormente, apresenta quem se prejudicava – acionistas, empresa e consumidores – construindo ideia de que a privatização é um caminho positivo.

c) Bifórica: o encapsulador sumariza, ao mesmo tempo, informações já expressas e ainda a serem expostas.

(4)

T1: Nessa disputa, como o senhor avalia o desempenho do Judiciário?

T2: Há muitas falhas. Em meio à crise fiscal, juízes e procuradores, que defendem com empenho a moralidade pública, foram expostos ao seguir o atalho do auxílio-moradia para aumentar ganhos. É um comportamento cínico, que os desmoraliza. É uma pena. O ministro Gilmar Mendes critica nos outros os defeitos que recusa a ver em si mesmo. Além disso, Mendes é mais um exemplo de juiz voluntarista fazendo política.

Os embates são pautados nas distintas lealdades políticas, não em preceitos legais. O risco é sério: o Judiciário está se degradando. Tome o exemplo da nomeação da deputada Cristiane Brasil [PTB-RJ] para o Ministério do Trabalho. Sem entrar no mérito das acusações, a suspensão da posse dela pelo Supremo foi um “tenentismo judicial” contra um governo de poucos princípios.

A ministra Cármen Lúcia proibiu e o presidente Temer achou normal. Os juízes, sem mais paciência com os defeitos da política brasileira, abandonam a disciplina e se rebelam. Mas não melhoram a democracia: políticos espertos saberão tirar proveito desses impasses.

T1: Há jeito de reequilibrar a relação entre os Poderes ainda neste governo?

T2: Acho difícil. Perdemos **os parâmetros na relação dos Poderes**, o que atrasa a tomada de medidas importantes para o país. Um exemplo: o BNDES precisava devolver o dinheiro que recebeu do Tesouro nos governos petistas. Era uma decisão óbvia diante do desajuste nas contas públicas. Mas o governo precisou esperar sete meses até o Tribunal de Contas da União autorizar a medida, tomada só em dezembro de 2016. Essa demora não faz sentido. (Entrevista “O Tenentismo do Judiciário” – Revista *Exame*).

No exemplo (4), temos um trecho da entrevista “O Tenentismo do Judiciário”, publicada na revista *Exame*, em que há o uso do encapsulamento anafórico “os parâmetros na relação dos Poderes”. Ao lermos tal texto, podemos perceber que o SN, ao mesmo tempo, está ligado ao resumo do que foi dito anteriormente, ou seja, os problemas nas relações entre o executivo e o judiciário e, também, do que será dito posteriormente a partir do exemplo do BNDES e de suas implicações. Dessa forma, esse exemplo é considerado de natureza bifórica por envolver referências retrospectivas e prospectivas concomitantemente.

Além disso, ao analisarmos as entrevistas, percebemos que elas apresentavam algumas características típicas, como a sua configuração em algumas partes. Defendemos que elas podem ser divididas em três fragmentos – parte inicial,

turno do entrevistador e turno do entrevistado – que podem ser observados nos exemplos (5), (6) e (7).

Tal divisão pode ser vista abaixo:

a) parte inicial – título e apresentação do conteúdo da entrevista escrita pelo jornalista.

(5)

Casamento é habilidade

Ao tratar com humor e acidez as alegrias e os percalços da vida amorosa da mulher, a atriz leva milhões aos teatros e cinemas do país – e vira expert na complexa dinâmica conjugal.

A carreira andava a passos lentos. Após “interpretar” uma tartaruga na novelinha infantil *Caça Talentos* e fazer pontas no *Zorra Total*, Mônica Martelli, aos 35 anos, viu-se em uma encruzilhada: deveria arriscar uma guinada profissional ou aceitar-se uma artista de pouca expressão? Seguindo um conselho da mãe (“bota seu caixote na rua”), a atriz optou pela primeira via. Seu rasgo de ousadia: escrever uma peça sobre a vida afetiva e sexual da mulher adulta baseada nas suas próprias alegrias e frustrações. *Os Homens São de Marte... e É pra Lá que Eu Vou* levou 2,5 milhões de pessoas a teatros de todo o Brasil em doze anos. O sucesso transformou sua criadora em uma máquina de humor, risadas — e dinheiro. A peça se desdobrou em filmes, série de TV e um novo espetáculo bem-sucedido, que já rendeu outro filme arrasa-quarteirão: lançado no fim de 2018, o longa *Minha Vida em Marte* estreou em 800 cinemas e atraiu 4 milhões de pessoas em um mês. Mônica, 50 anos, dois casamentos e uma filha, expõe aqui sua visão sobre a vida amorosa feminina. (Entrevista “Casamento é habilidade” – Revista *Veja*).

No exemplo (5), retirado da entrevista “Casamento é habilidade”, há a parte inicial do texto, que engloba o título e uma apresentação do que será desenvolvido ao longo do texto a partir das perguntas do entrevistador e das respostas da entrevistada. É importante ressaltar que essa parte é escrita após a entrevista já ter sido feita e, possivelmente, após a sua edição, por isso, muitas vezes, essa parte antecipa informações que serão desenvolvidas depois.

Esse trecho traz, ainda, a anáfora encapsuladora “a carreira”, que sumariza o que será dito posteriormente sobre a trajetória profissional de Martelli, funcionando, então, como uma anáfora prospectiva. Com isso, é apresentada uma informação que será, de alguma forma, apresentada nos turnos da entrevista, havendo, portanto, uma antecipação para o leitor, o que fará com que ele tenha mais curiosidade sobre o texto.

b) turno do entrevistador – parte dita/ escrita pelo jornalista com perguntas e, às vezes, outros comentários ligados ao que já foi/ será dito.

(6)

T1: A eleição de 2018 conseguirá resolver esse desajuste?

T2: Dificilmente na eleição isso será discutido. Mas uma parte da confusão será resolvida com a eleição de um novo presidente. O novo governo poderá invocar a legitimidade obtida nas urnas para enfrentar o Judiciário. Um presidente eleito com mais de 50% ou 60% dos votos no segundo turno já tem base de apoio suficiente para avançar com uma agenda.

T1: Isso independe da filiação partidária de quem levar a Presidência?

T2: Com os pré-candidatos de hoje, ainda não dá para ter clareza sobre a agenda do governo em 2019. Além disso, as soluções para as crises institucionais estão só começando. A reforma política é uma tremenda confusão. Nossos partidos pensam pouco no futuro. Mesmo assim, será um novo governo, o que já é um alento. (Entrevista “O Tenentismo do Judiciário” – Revista *Exame*).

No exemplo (6), há parte da entrevista “O Tenentismo do Judiciário”, da revista *Exame*, com destaque, em sublinhado, do turno do entrevistador. Podemos dizer que tal parte exerce papel essencial no texto, pois conduz diretamente a (sub)temática a ser desenvolvida e leva o entrevistado a fazer algumas opções de resposta. Além disso, tal turno muitas vezes é um indicativo da interação existente no ato da produção da entrevista, o que é marcado, por exemplo, pelo uso de elementos que remetem a algo dito no turno anterior.

Temos, ainda, o encapsulador “isso”, que marca a troca da fala do entrevistado para o entrevistador, funcionando, também, como marca interacional. Esse elemento retoma o que havia sido dito pelo convidado sobre a capacidade do então futuro governo de buscar apoio no congresso nacional. Com isso, o entrevistador utiliza uma anáfora encapsuladora retrospectiva, que retoma tal ideia e compõe um questionamento provocador a tal entrevistado.

c) turno do entrevistado – parte dita/ escrita pelo convidado com respostas vinculadas ao que foi perguntado pelo jornalista.

(7)

T1: O senhor pretende colocar em prática no governo iniciativas que deram certo no setor privado. Mas nem tudo dá para ser transplantado automaticamente.

T2: Você tem razão. Mas há muita coisa possível de ser feita imediatamente. Uma delas é a redução de cargos. Não vou extinguir vagas, mas vou deixá-las em aberto.

Isso vai gerar uma economia gigantesca, pois tanto as empresas estatais quanto as autarquias se transformaram em cabide de empregos. (Entrevista “Um empresário à frente de Minas” – Revista *Exame*).

No exemplo (7), temos um trecho da entrevista “Um empresário à frente de Minas”, concedida pelo empresário e governador eleito Romeu Zema à revista *Exame*. Nela, ele é questionado sobre os rumos que pretende dar ao governo que liderará e, por isso, é provocado em relação à sua ideia de transpor, para seu mandato, práticas do setor privado, o que é criticado por muitas pessoas.

Logo após, em seu turno, aqui destacado por estar sublinhado, ele responde a tal provocação e atesta ser possível adotar algumas medidas em imediato, como a redução de cargos. Além disso, utiliza o encapsulador retrospectivo “isso” para marcar a retomada de sua própria fala, apontando, ainda, que haverá consequências econômicas muito positivas, pois, em sua visão, há muitas semelhanças entre os setores público e privado.

Diante desses agrupamentos, observamos a relação entre a natureza fórica das anáforas encapsuladoras e as partes da entrevista. Esse cruzamento foi selecionado, pois percebemos, qualitativamente, que poderia haver uma relação entre esses aspectos, já que a parte inicial, por exemplo, apresenta características diferentes dos turnos do entrevistador e do entrevistado.

Na Tabela 1, apresentaremos tal relação quantitativa:

	Parte inicial	Turno do entrevistador	Turno do entrevistado	Total
Retrospectiva	1 8,3%	21 80,8%	112 77,8%	134 73,6%
Prospectiva	10 83,4%	3 11,5%	29 20,1%	42 23,1%
Bifórica	1 8,3%	2 7,7%	3 2,1%	6 3,3%
Total	12 100%	26 100%	144 100%	182 100%

Tabela 1: Relação entre a natureza fórica dos encapsulamentos e as partes da entrevista.
Fonte: Autor (2020).

Na Tabela 1, temos a relação entre as diferentes naturezas fóricas do encapsulamento e as partes que compõem a entrevista. Podemos observar que a maior parte das anáforas está relacionada apenas ao seu conteúdo precedente e ocorre na fala do entrevistado, o que atribuímos ao caráter eminentemente retrospectivo desses elementos e ao quantitativo maior de material linguístico de tal turno.

Além disso, podemos observar, ao cruzarmos os dados, que, na parte inicial da entrevista, há uma grande predominância de anáforas encapsuladoras prospectivas, totalizando 83,4% dos dados. Tal resultado está ligado à característica dessa parte, tida como uma apresentação das informações a serem desenvolvidas, sobretudo, pelo entrevistado. Esse resultado é ainda mais relevante diante da comparação com as demais naturezas fóricas nesse trecho, com 8,3% cada. Há, então, uma diferença bem significativa e, portanto, essa questão pode ajudar no entendimento da constituição das entrevistas.

Por outro lado, ao analisarmos os turnos do entrevistador e do entrevistado, podemos dizer que as tendências são diferentes da parte inicial. Neles, a retrospectividade é a natureza mais frequente, com 80,8% e 77,8%, seguida da prospectividade, com 11,5% e 20,1% e, por último, da natureza bifórica com 7,7% e 2,1%. Diante disso, é possível afirmar, primeiramente, que há diferenças significativas em relação às tendências da parte inicial, além de existirem quantitativos muito semelhantes nos turnos do jornalista e do convidado.

Atribuímos tal resultado às propriedades semelhantes que tais partes apresentam, visto que ambas, em geral, têm material linguístico elaborado no processo de interação com constantes trocas de turnos e argumentos e contra-argumentos construídos diante do que é dito pelo interlocutor. Dessa forma, o que diferencia efetivamente tais partes é o que o turno do entrevistador tende a ser responsável por introduzir e mudar os temas a serem abordados no texto e é composto por menos material linguístico do que o turno do entrevistado, geralmente mais marcado pela construção subjetiva.

É necessário ponderar, no entanto, que, no turno do entrevistado, há um percentual muito maior de anáforas prospectivas do que de referências bifóricas. Por outro lado, no turno do entrevistador, a diferença entre as anáforas prospectivas e bifóricas é muito baixa, com apenas 1 dado. Sendo assim, por mais que haja tendências parecidas em relação à retrospectividade nos dois turnos, isso não ocorre da mesma forma nas demais naturezas fóricas.

Dessa forma, podemos dizer que, diante da relação entre os encapsulamentos com diferentes naturezas fóricas e as partes da entrevista, nossa hipótese foi confirmada, pois, efetivamente, há especificidades na constituição composicional do gênero em relação ao caráter fórico. Na parte inicial, as anáforas encapsuladoras são majoritariamente prospectivas e, nos turnos do entrevistador e do entrevistado, os encapsulamentos geralmente são retrospectivos.

Diante disso, em relação à construção do gênero, a parte inicial funciona como uma breve apresentação que situa o leitor acerca do que será dito ao longo da entrevista e, por isso, os encapsuladores, ao exercerem papel resumitivo, se referem, sobretudo, ao que será dito, assumindo um papel persuasivo. Nas outras partes da entrevista, contudo, essa tendência não se mantém, havendo referência geralmente a informações já apresentadas, pelo próprio enunciador ou por seu interlocutor.

3.2 Multifuncionalidade e partes da entrevista

Outra questão que analisamos em nosso trabalho foi a possibilidade de o encapsulador apresentar diferentes funções. Cavalcante e Brito (2013) postulam que o grupo dos rotuladores podem ser agrupados a partir de algumas características, como os seus efeitos de sentido, tal como avaliar discursivamente o que é dito, generalizar uma ideia e enumerar as informações.

Diante disso, partimos da proposta das autoras, expandindo tal discussão para todas as anáforas encapsuladoras a partir de três categorias: metaenunciativa, organização enumerativa e sumarização generalizadora, como demonstraremos nos exemplos.

a) Metaenunciativa: avaliam a enunciação.

(8)

T1: Entre 2005 e 2015, o percentual de negros no ensino superior passou de 5,5% para 12,8%. Como avalia **esse salto**?

T1: É significativo, mas muito pequeno dado o fato de os negros representarem mais da metade da população. É inepta a desculpa de que não há negros qualificados. Mesmo eles sendo bem capacitados, muitas vezes o processo seletivo das empresas é excludente. Para cargos de chefia, ocorre uma busca por indicação – e o networking perpetua a exclusão. (Entrevista “Não é vitimismo” – Revista *Veja*).

No exemplo (8), podemos observar um trecho da entrevista “Não é vitimismo”, concedida por Thiago de Souza Amparo à revista *Veja*. Nesse texto, há uma discussão sobre questões que geralmente são vistas como vitimismo por muitas pessoas, visão que não é compartilhada pelo entrevistado. No trecho trazido, há uma discussão sobre o crescimento potencial dos negros na universidade.

Diante disso, o entrevistador apresenta índices que demonstram esse aumento em um período de dez anos e, posteriormente, rotula tal processo a partir do encapsulamento “esse salto”. Tal SN funciona não apenas como uma remissão ao que é dito previamente, mas também exerce um papel avaliativo em relação a essa informação, denominando-a como “salto”, o que evidencia um posicionamento do jornalista em relação a tais números e, conseqüentemente, à enunciação, sendo, portanto, tida como metaenunciativa.

b) Organização enumerativa: organizam o discurso a partir da enumeração.

(9)

T1: A previsão era de que dez empresas estreariam na bolsa brasileira em 2018. O que dá para esperar agora?

T2: **Quatro companhias brasileiras** abriram o capital neste ano: as operadoras de planos de saúde Notredame Intermedica e Hapvida, o banco Inter e a PagSeguro, empresa de meios de pagamento que se listou na Bolsa de Valores de Nova York. Esse número pode dobrar até o final deste ano. Como há muitas candidatas a abrir o capital, o número de ofertas deve aumentar em 2019. (Entrevista sem título – Revista *Exame*).

No exemplo (9), temos um trecho de uma entrevista da revista *Exame* sobre a temática economia em que há um questionamento do jornalista acerca das expectativas do convidado em relação à entrada de algumas empresas brasileiras na bolsa de valores. Diante disso, o entrevistado responde com a quantidade de empresas que abriram o capital, quatro, posteriormente apresentando-as.

É importante observar que a estratégia de, primeiramente, apresentar o encapsulador e, apenas posteriormente, trazer os nomes de tais companhias, também tem função argumentativa, visto que tal número tende a impactar o leitor e, diante disso, a apresentação de quais seriam tais empresas deixa de ser o foco do discurso. Isso fica evidente com a retomada posteriormente feita em “esse número”, que salienta a importância da quantidade para o entrevistado.

Outro ponto a ser destacado é que, ao utilizar uma anáfora prospectiva, o enunciador tende a deixar o interlocutor na expectativa de quais são tais companhias e, conseqüentemente, refletir sobre sua relevância no mercado financeiro. Além disso, é importante ressaltar que o SN está em posição inicial, introduzindo e organizando as informações a serem apresentadas, o que auxilia na construção coesiva da entrevista em destaque.

c) sumarização generalizadora: resumem e generalizam as informações.

(10)

T1: O que mudou em sua rotina profissional depois da maternidade?

T2: A natureza é para todo mundo. Quando o sino bate... Reduzi o número de shows porque desejo estar inteira para meus filhos. E passei a otimizar meus trabalhos. O que eu fazia em três dias, faço em um e volto para ficar com eles. Acho que isso foi melhor. Agora, em férias, vamos **todos** viajar juntos. Estou me programando para, quando as meninas tiverem uns 3 anos, viajar para a Europa no verão e assistir aos festivais de música de lá. É o sonho da minha vida. (Entrevista “A rainha da festa” – Revista *Veja*).

No exemplo (10), há um trecho da entrevista “A rainha da festa”, concedida pela cantora Ivete Sangalo à revista *Veja*. Nela, há a discussão sobre a vida e a obra da artista e, mais especificamente na parte que trouxemos nesta seção, acerca da vivência profissional após ela se tornar mãe. No turno do entrevistado, ela esclarece sua rotina, seu dia a dia e também apresenta as mudanças em sua vida diante da maternidade.

Em destaque, está o encapsulador “todos”, que retoma os filhos e, ao mesmo tempo, refere-se também à cantora. Dessa forma, ele não apenas resume, ou seja,

sumariza as informações precedentes, mas também, de alguma forma, generaliza a ideia apresentada. Seria possível trazer tal informação como “eu e meus filhos”, mas, ao utilizar o SN “todos”, há um efeito de sentido diferente, mais generalista, o que faz com esteja na categoria “sumarização generalizadora”.

Pontuamos, contudo, que tais classificações não são estanques e podem, de alguma forma, se sobrepor. Buscamos agrupá-los diante de sua característica mais evidente, mesmo que possam, também, em alguma medida, se enquadrar em outras. É necessário ressaltar, ainda, que, com tais resultados, podemos concluir que a proposta de Cavalcante e Brito (2013) não é aplicável apenas às anáforas rotuladoras, mas aos encapsuladores de forma ampla. Pontuamos, porém, que houve apenas dois casos de organização enumerativa em nosso *corpus*, o que pode ser atribuído ao gênero entrevista, visto que a enumeração não parece ser uma característica típica de tal categoria textual.

Em outros gêneros, como receita ou relato de procedimento, isso poderia ser diferente, tendo em vista que eles tenderiam a quantificar partes do seu discurso. Em textos de cunho didático, isso também poderia ocorrer, já que eles poderiam recorrer a essa função para facilitar a compreensão do leitor, seja do texto oral ou escrito, fazendo com que uma informação seja apresentada como uma lista.

Diante da classificação apresentada, buscamos observar se havia relação entre as funções desempenhadas por esses elementos e as partes das entrevistas, conforme Tabela 2:

	Parte inicial	Turno do entrevistador	Turno do entrevistado	Total
Metaenunciativa	8 66,7%	7 26,9%	41 28,5%	56 30,8%
Organização enumerativa	-- --	-- --	2 1,4%	2 1,1%
Sumarização generalizadora	4 33,3%	19 73,1%	101 70,1%	124 68,1%
Total	12 100%	26 100%	144 100%	182 100%

Tabela 2 – Relação entre as funções dos encapsulamentos e as partes da entrevista

Fonte: Autor (2020).

A partir da Tabela 2, podemos observar a relação entre as funções dos encapsulamentos e as partes da entrevista. Na parte inicial, 66,7% dos dados exercem função metaenunciativa e 33,3% são sumarizadores generalizadores. Por outro lado, no turno do entrevistador, as tendências são contrárias: 73,1% dos encapsuladores exercem sumarização generalizadora e 26,9% são metaenunciativos. Já no turno do entrevistado, tais resultados apresentam algumas semelhanças com o turno do entrevistador, visto que 70,1% exerce papel sumarizador e 28,5% função metaenunciativa. Além disso, há 1,4% dos dados sendo organizadores enumerativos em tal turno.

Ao observarmos esses resultados, podemos dizer que há tendências de uso diferentes nas partes das entrevistas, o que confirma nossa hipótese inicial. Na parte introdutória dos textos, há mais encapsulamentos que comentam a enunciação do que sumarizações generalizadoras, o que pode ser ligado à caracterização desse trecho das entrevistas. Nessa parte, os enunciadores costumam apresentar as informações que serão desenvolvidas ao longo do texto e, por isso, podem buscar

utilizar mais encapsuladores metaenunciativos como uma estratégia para chamar a atenção dos leitores.

No turno do entrevistador, as tendências são diferentes, visto que há mais a função sumarizadora, embora também haja dados metaenunciativos. Essa diferença pode estar relacionada à caracterização dessa parte, já que o entrevistador tende a sumarizar as informações (a serem) ditas para retomar algo que foi falado/ escrito pelo entrevistado e que pode ser explorado ou sua própria exposição, reorganizando e conduzindo o convidado.

Por outro lado, os metaenunciativos ocorrem menos, pois dificilmente o entrevistador buscará avaliar as informações ditas na interação com o entrevistado, já que sairia da tentativa de objetividade/ neutralidade jornalística. Ressaltamos que não há efetivamente ausência de posicionamento, mas que esse caráter não necessariamente se sobressairá em comparação com o efeito sumarizador. É importante pontuar, ainda, que, por ser um suporte altamente regulado e serem veículos muito tradicionais, essa tendência é mais forte. Em outras mídias, por exemplo, é esperado que o entrevistador se posicione no *locus* da entrevista e não retome tanto de forma sumarizadora o que fora dito, pois, algumas vezes, ele é o grande protagonista.

No turno do entrevistado, algumas tendências se mantêm em relação ao turno do entrevistador, pois, como demonstramos em relação à natureza fórica, há semelhanças entre essas partes. Mais uma vez, os encapsulamentos são mais sumarizadores do que metaenunciativos, porém vale ressaltar que a diferença percentual é menor do que no turno do jornalista. Atribuímos essa menor distinção ao fato de o convidado poder apresentar um discurso mais avaliativo do que o jornalista.

É necessário pontuar, contudo, que apenas no turno do entrevistado há encapsulamentos anafóricos com papel de organizar enumerativamente as informações, o que diferencia essa parte das demais. Isso pode ser explicado por, nesse turno, haver maior possibilidade de expor as ideias, o que permite que sejam feitas enumerações, que, posteriormente, serão desenvolvidas.

Com isso, podemos dizer que as diferentes partes da entrevista apresentam suas especificidades em relação à multifuncionalidade dos encapsuladores, o que confirma nossa hipótese inicial. Ressaltamos, ainda, que esse resultado demonstra que há relações entre estilo e construção composicional, ou seja, entre diferentes planos dentro da análise de gêneros.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, adotamos uma abordagem baseada no uso e em uma perspectiva discursiva. Consideramos a referenciação como um fenômeno sociocognitivo e interacional, em que a construção dos objetos de discurso envolve fatores linguísticos e contextuais, havendo, portanto, a necessidade de investigar o papel dos encapsuladores na construção do gênero entrevista. Isso nos possibilitou um olhar amplo em que o mapeamento dos seus usos considera questões pragmático-discursivas.

A partir de uma análise quali-quantitativa acerca da relação entre usos de anáforas encapsuladoras e a construção do gênero entrevista, pudemos verificar que as anáforas encapsuladoras têm diferentes papéis fóricos diante da parte da entrevista em que estão: na parte inicial, tendem a ser mais prospectivas, pois apresentam o conteúdo do texto e, nas demais partes, tendem a ser mais

retrospectivas. A parte inicial funciona como uma breve apresentação que guia o leitor para o que será dito ao longo da entrevista e, por isso, os encapsuladores, ao exercerem papel resumitivo prospectivo assumem um papel persuasivo.

Verificamos também que as anáforas encapsuladoras apresentam distintas tendências multifuncionais – metaenunciativa, organização enumerativa e sumarização generalizadora – nas entrevistas e que, dependendo da parte da entrevista, diferentes funções se destacam. Essa questão demonstra que tais elementos precisam ser observados a partir dos seus papéis no texto e que é possível mapear e sistematizar os efeitos de sentido envolvidos em seu uso, ligando, também, ao contexto de produção, o que engloba o gênero textual.

Assim, a partir dos resultados desta investigação, é possível dizer que as anáforas encapsuladoras podem apresentar diferentes padrões de uso em um mesmo gênero, o que é evidenciado pelos cruzamentos dos fatores caráter fórico e multifuncionalidade com as partes da entrevista. Sob esse viés, em futuras pesquisas sobre tal fenômeno, essas discussões podem ser consideradas e sistematizadas a partir da análise de outros gêneros e suportes textuais a fim de expandir as reflexões aqui estabelecidas.

Referências

ANTUNES, V. *Referenciação e violência contra a mulher em relatos femininos*. 106 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa)). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Interpretations and functions of demonstrative NPs in indirect anaphora. *Journal of Pragmatics*, n. 3, 1999, p. 363-97.

ARFUCH, L. *La entrevista, una invención dialógica*. Buenos Aires: Paidós, 1995.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Traduzido por Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1979]. p. 261-306.

BASTOS, M. C. V. *Anáforas encapsuladoras e argumentatividade em notícias*. 142 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa)). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

BEZERRA, B. G. *Gêneros no contexto brasileiro: questões [meta]teóricas e conceituais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BORREGUERO, M. Z. Naturaleza y función de los encapsuladores en los textos informativamente densos (la noticia periodística). *Cadernos de Filologia Italiana*, v.13, p. 73-95, 2006.

CASTANHEIRA, D. *Anáforas encapsuladoras e construção do gênero entrevista: análise textual-funcional*. 2020. 235 f. Tese (Doutorado em Letras (Letras Vernáculas)). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

CASTANHEIRA, D.; MENDANHA, M. Encapsulating anaphors in written interviews published online. *Revista de Estudos da Linguagem (Falange Miúda)*, v. 6, p. 213-227, 2021.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. Anáforas encapsuladoras: traços peculiares aos rótulos. *Revista de Letras*, v. 1, n.32, p. 29-36, jan./jul. de 2013.

CONTE, M. E. Anaphoric encapsulation. *Belgian Journal of linguistics*, 10, 1996, p. 1-10.

ESSENFELDER, R. Marcas da presença da audiência em uma entrevista jornalística. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem/ReVEL*. v. 3, n. 4, mar. pp. 1-23. 2005.

FRANCIS, G. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, M. *Advances in written analysis*. London and New York: Ed. Routledge, p. 83-101, 1994.

GARCÍA-GUTIÉRREZ, A. Entrevistas periodísticas y textos declarativos: un procedimiento de análisis y recuperación documentales basado en modos de búsqueda pronominal. *El profesional de la información*, julio-agosto, v. 22, n. 4, pp. 315-325, 2013.

HOFFNAGEL, J. C. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 195-208.

LLAMAS, C. Interpretación del discurso ajeno: la anáfora conceptual metafórica en la noticia periodística. *Revista de Investigación Lingüística*, n. 13, p. 107-126, 2010.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. União da Vitória: Kaygangue, 2005. p. 17-34.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MONDADA, L. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. Traduzido por Ingedore Koch. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p.11-26.

NOCI, J. D. Las raíces de los géneros periodísticos interpretativos: precedentes históricos formales del reportaje y la entrevista. *Estudios sobre el Mensaje Periodístico* n. 6, p. 135-152, 2000.

PECORARI, F. Anaphoric encapsulation and presupposition: persuasive and stereotypical uses of a cohesive strategy. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 24, n. 49, p.175-195, 2014.

PECORARI, F. Incapsulatori anafóricos e discurso riportato nell'italiano giornalistico: sfruttamenti coesivi della dimensione enunciativa. *Publié dans Bulletin VALS-ASLA*, n° spécial, v. 1, 227-244, 2015.

SAMANIEGO, A. Las etiquetas discursivas: del mantenimiento a la construcción del referente. *ELUA*, 27, 2013, pp. 167-197

SEARA, I.; SANTOS, L. S. Linguagem e poder nas mídias brasileira e portuguesa. *Diacrítica*, 2019, p. 1-16.

Para citar este artigo

CASTANHEIRA, Dennis; CEZARIO, Maria Maura. Usos de anáforas encapsuladoras no gênero entrevista. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 2, p. 571-589, maio-ago. 2022.

Os Autores

[Dennis Castanheira](#) é graduado em Licenciatura em Letras (Português e Literaturas), com dignidade acadêmica *Magna Cum Laude*, mestre em Linguística e doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É Professor Adjunto de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense, atuando na graduação e na pós-graduação *lato sensu*.

[Maria Maura Cezario](#) é graduada em bacharelado e licenciatura em Português Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989), mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994), doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001), pós-doutorado na Universidade de Edimburgo, UK (2014), e na UFRN (2019-2020). É Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 1996. Atua na graduação em Letras e na pós-graduação em Linguística. É bolsista de produtividade do CNPq desde 2007.